

Um paredão, duas camadas, muito tempo

texto e fotos LIANA JOHN



Se o caso é descer de Urubici para Grão-Pará, os olhos se prendem nos abismos, pendurados nos parapeitos, acompanhando as curvas estreitas, dobradas devagarinho. Se o caso é subir de Grão-Pará para Urubici, o pescoço verga até o fim — nuca encolhida, gogó estendido, boca inevitavelmente aberta —, acompanhando a imensa rocha onde os parapeitos em zigue-zague parecem meros rabiscos. Assim são as escarpas da Serra do Corvo Branco (1.470 metros de altitude), localizada na região onde Santa Catarina tem suas montanhas mais altas e o Brasil, as suas temperaturas mais baixas.

Só ao fazer a parada obrigatória no mirante mais alto da estrada (1.130 m) e descer do carro, o viajan-

te consegue tirar os olhos da estrada e percorrer suas molduras: uma série de paredões colossais, cheios de fendas e enfeitados por uma vegetação teimosa, capaz de fixar raízes na pedra pura e viver de água de chuva e nutrientes escassos, muito escassos.

Reparando bem, esses paredões com perfis expostos, de 80 a 100 metros de altura, não são feitos do mesmo material desde a base até o topo. As rochas de baixo são mais arredondadas, trabalhadas pelas diferenças térmicas e pelos ventos. As rochas de cima têm faces mais duras, ângulos retos, recortes e cantos vivos, afiados até.

A explicação geológica para tal diferença remonta a um tempo em que a América do Sul e a África ainda eram um único supercontinente. Toda aquela região hoje conhecida como Serra Geral, parte da Bacia Sedimentar do Paraná, era um grande deserto de arenito, apelidado de Formação Botucatu. Submetido a um tipo particular de movimento geológico, esse arenito se abriu e pelas fendas subiu a rocha ígnea do centro da terra — o magma — dando origem a grandes derrames de lava. Solidificada na superfície do arenito, com uma espessura entre 30 e 50 metros, essa lava ganha o nome de basalto e é a rocha do topo, que sofreu menos com a erosão e, por isso, tem linhas mais retas.

É claro que tudo isso aconteceu num ritmo geológico, durante muitos milhares de anos, num período entre 150 e 135 milhões de anos atrás. Mas o testemunho de tamanhas transformações ainda está lá, impresso na paisagem. É só esquecer a vertigem e as fotos para o álbum de viagem para observar. Vale a pena...